



## A PSICANÁLISE VAI À ESCOLA: RELATO DE EXPERIÊNCIA

## PSYCHOANALYSIS GOES TO SCHOOL: EXPERIENCE REPORT

Bruna Papke <sup>1</sup>

Mônica Daniela Pacheco de Paula <sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo objetiva apresentar um relato de experiência de estágio curricular obrigatório em psicologia escolar, amparado pela teoria psicanalítica. Dessa forma, o artigo busca realizar uma revisitação teórica a partir de autores que versam sobre a relação entre psicanálise e educação, em especial, no que diz respeito ao conceitual acerca da função do espaço coletivo de educação infantil como agente facilitador dos processos de estruturação psíquica das crianças. As discussões e os achados deste relato de experiência foram baseados na reflexão das autoras. O campo de estágio foi uma Escola de Educação Infantil da rede privada de Porto Alegre/RS. O conteúdo abordado baseia-se em pesquisas bibliográficas e experiências vivenciais. Percebeu-se a importância da reflexão dialógica dos diferentes campos do saber para um entendimento mais amplo sobre as possibilidades de atuação do psicólogo escolar.

**Palavras-chave:** Psicanálise. Educação. Constituição. Psíquico. Criança.

**Abstract:** This study aims to present an experience report of compulsory curricular internship in school psychology, based on psychoanalytic theory. Thus, the article

<sup>1</sup> Graduada em Psicologia - Faculdade São Francisco de Assis. E-mail: psicologabrunapapke@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Ensino na Saúde - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre - UFCSPA. E-mail: monicadpp@hotmail.com

seeks to perform a theoretical revisitation from authors who deal with the relationship between psychoanalysis and education, especially with regard to the conceptual about the function of the collective space of early childhood education as a facilitating agent of the processes of psychic structuring of children. The discussions and findings of this experience report were based on the authors' reflection. The internship field was a School of Early Childhood Education from the private network of Porto Alegre/RS. The content covered is based on bibliographic research and experiential experiences. The importance of dialogical reflection of the different fields of knowledge was perceived for a broader understanding of the possibilities of the school psychologist's performance.

**Keywords:** Psychoanalysis. Education. Constitution. Psychic. Child.

## 1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que é recente a concepção atual dos espaços coletivos de educação infantil, hoje reconhecidos como uma etapa de ensino da educação básica. E, embora constatadas muitas lacunas sobre a função desses espaços de educação na subjetividade das crianças, um marcador importante dessa mudança de paradigma é o crescente interesse na investigação sobre esses espaços coletivos. Uma vez que essas crianças se encontram no início da constituição psíquica e ocupam estes espaços cada vez mais cedo, torna-se urgente as indagações em torno das possibilidades de intervenções promotoras de saúde mental destinadas às crianças.

Este estudo tem como suposto que a educação infantil, primeira etapa da educação básica, sustentada enquanto espaço e tempo constituinte dos processos de subjetivação das crianças, propõe condições significativas tanto no que diz respeito à prevenção de riscos no desenvolvimento infantil, quanto de promoção de saúde mental (KUPFER, 2006; FOCHI; BARBOSA, 2013; MURTA, et al., 2015; FARIA; RODRIGUES, 2020).

Nessa perspectiva, frente a importância da escola no desenvolvimento e estruturação psíquica das crianças, percebe-se o quanto é fundamental a presença do profissional de psicologia no cotidiano escolar, atuando de forma direta com toda a comunidade escolar, ou seja, com as crianças, professoras e famílias. Mas, questiona-se: poderia a psicanálise ir à escola?

Destaca-se que, desde Freud (1913), há tentativas de aproximações entre psicanálise e educação, ao propor que a psicanálise poderia auxiliar os educadores a compreender as fases do desenvolvimento infantil, bem como os impulsos próprios da infância. Dessa maneira, sabemos que “a psicanálise abarca uma série de questões

e assuntos que não foram diretamente desenvolvidos pela pedagogia, mas têm em comum, o mesmo fio condutor: o ser humano e todas as suas dimensões que o estruturam” (ALMEIDA; NETO; 2019, p. 265). Produzindo assim, mais aproximações entre os campos, que distanciamentos.

Mas como essa aproximação seria possível? A partir de quais concepções a psicanálise pode se fazer presente no cotidiano escolar? No presente artigo, buscase responder tais questionamentos, com o objetivo de descrever e elucidar a experiência de uma prática de estágio curricular em uma escola de educação infantil com os paradigmas psicanalíticos.

## **2 A PSICANÁLISE E A EDUCAÇÃO**

Freud (1913) já salientava sobre os laços que a psicanálise poderia realizar com os diferentes campos de conhecimento, um deles o da educação. Consequentemente, importantes psicanalistas dão continuidade nas reflexões acerca da psicanálise e educação, consistindo em relevantes alicerces para a prática na área escolar, como a Pediatra e Psicanalista Françoise Dolto, que presenteou-nos com considerações essenciais sobre a temática (KUPFER, 2006).

Dessa forma, Dolto é considerada uma psicanalista situada no cruzamento entre a pediatria, a psicanálise e a educação, justamente por ser uma profissional que olhava e cuidava das doenças produzidas no corpo libidinal da criança, que poderia surgir ao longo de seu desenvolvimento ou no curso de sua educação. Assim, Dolto desenvolveu um importante trabalho em análise de crianças, no entanto, também ofertava um destaque especial à orientação do trabalho educativo de pais e professores, na tentativa de auxiliar para que os problemas de educação não prejudicassem a tranquilidade das crianças (KUPFER, 2006).

Além disso, ao refletirmos sobre o papel fundamental do psicólogo amparado pela psicanálise quanto à orientação à comunidade escolar, ressalta-se que anteriormente a isso, ao adentrar neste espaço, a função primordial do psicólogo escolar consiste na escuta. Dessa forma, a escuta consiste em um trabalho que produz desacomodação, pois se trata de conceder espaço de escuta aos sujeitos que desejam quebrar os discursos institucionais e fazer a fala circular (KUPFER, 2017).

Nessa perspectiva, recorrendo à concepção Lacaniana de Linguagem<sup>3</sup>, segundo Santos (2003), seria esse um dos objetivos do psicólogo na escola com paradigmas psicanalíticos, produzir movimentos na rede discursiva que permeia a escola. No entanto, salienta-se que as falas, queixas e demandas devem ser compreendidas como elementos de um discurso que são endereçadas ao saber que o profissional de psicologia representa nesse ambiente. A partir disso, é necessário que o psicólogo escolar orientado pela psicanálise contribua para que novos sentidos se produzam frente às questões trazidas pela comunidade escolar (SANTOS, 2003).

Além disso, é indispensável trazer à tona o fenômeno da transferência<sup>4</sup>, conceito psicanalítico que está presente no contexto de análise, mas que também permeia as relações escolares. A transferência se encontra, segundo Kupfer (1989), presente na relação professor-aluno, principalmente produzido a partir do desejo de saber do aluno quando se liga a pessoa do professor, bem como está presente nas relações entre os diferentes profissionais que permeiam a escola.

Destaca-se ainda, que para além da prática clínica e individual, a psicanálise em seu saber possui um papel ético e político frente à cultura e as demandas de sua época. Assim, é permeada pela valorização das singularidades e o respeito às particularidades que o saber da psicanálise adentra as instituições, como a escola, e depara-se com a emergência do real. Sendo assim, a psicanálise é convocada a pensar e ficar atenta às demandas contemporâneas, como aos efeitos causados nas crianças pela carência de referências, ao estarmos nos constituindo como uma sociedade com falhas na inserção da função paterna (RUBIM; BESSET; 2007).

Portanto, ao questionar a respeito do lugar do psicólogo escolar, com paradigmas psicanalíticos, dentro das escolas, Kupfer (2017) constata que esse lugar é permeado pela escuta e a transferência. No entanto, recorrendo às considerações de Dolto, ressaltadas por Kupfer (2006), bem como com a experiência obtida, inclui-se também neste lugar o papel de orientação à comunidade escolar e a defesa da criança em prol de seu desenvolvimento.

---

<sup>3</sup> Linguagem aqui, se refere às concepções de Lacan, que considera uma primazia da linguagem, onde considera que o sujeito não aprende a falar, mas é instituído como sujeito na linguagem. (ROUDINESCO; PLON; 1998).

<sup>4</sup> Transferência é um fenômeno próprio do tratamento psicanalítico e onde o mesmo se desenrola, consistindo em um processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam no enquadre da relação analítica. (LAPLANCHE; PONTALIS; 2001).

### **3 PSICANÁLISE NA EDUCAÇÃO INFANTIL E A CONQUISTA DE AUTONOMIA**

Ao pensar na atuação da psicanálise na educação infantil, torna-se necessário compreender o papel da escola perante a criança. Assim, recorre-se a Grudzinski (2009), para compreender o papel fundamental que a escola possui quanto um espaço que propicia o desenvolvimento físico e psíquico das crianças assistidas. Pois,

A instituição escola é o segundo lugar de acolhimento das crianças, é lá onde a socialização, a linguagem, os hábitos de vida e a aprendizagem aparecem de forma plena, entendendo que o comportamento do indivíduo mostrará como realmente ele é, onde professores com uma escuta sensível podem detectar possíveis fraturas na estruturação psíquica dos alunos. (GRUDZINSKI, 2009, p. 436).

No entanto, anteriormente a esse papel desempenhado pela escola, reitera-se que o primeiro lugar de acolhimento das crianças é a família. Sendo assim, a família, principalmente através do papel materno e paterno, possui uma função primordial quanto à inserção da criança em um lugar simbólico, que propicie o surgimento do sujeito, esse surgimento será possível através do grande Outro, normalmente representado no início da vida pela função materna, que será aquele que irá inscrever a criança na linguagem e nas leis. A partir disso, percebe-se a necessidade na educação infantil, especialmente através das educadoras, de se investir também nessa relação, de sustentar a criança e serem agentes da constituição psíquica das mesmas, que apenas se ater às práticas pedagógicas (OLIVEIRA; DONELLI; CHARCZUK; 2020).

Dessa forma, segundo Grudzinski (2009), a subjetivação da pequena criança perpassa por questões intra e inter-relacionais, sendo ela promovida pelos pais e encontra-se intimamente ligada à inserção social e educativa dos seus filhos, bem como de seu não aprender. Para elucidar, recorrendo à função materna, salienta-se que ela é a responsável pela estruturação da vida psíquica do bebê, no qual oferece uma relação de prazer, de fusão necessária nos primeiros meses de vida. Posteriormente, há a entrada da função paterna nessa relação, que também possui uma função estruturante, pois irá delimitar uma lei, permeada pelas regras sociais (GRUDZINSKI, 2009).

Diante disso, é essencial que a escola esteja presente no discurso e desejo dos responsáveis, visto que quando os representantes da função paterna e materna nomeiam e subjetivam a escola para a criança, tendem a lançar no imaginário da mesma o desejo de se fazer objeto de desejo do professor, bem como o desejo de aprender. Em outras palavras, facilitará o vínculo entre a criança e o professor, bem como o estabelecimento da transferência, do mesmo modo com a família, ao estabelecer uma relação de confiança, facilitando que a criança desenvolva a motivação em estar na escola, em aprender aquilo que lhe é proposto, constituindo-se enquanto um sujeito autônomo (SOUZA; OLIVEIRA; 2020).

A partir disso, salienta-se a constatação de que “o laço social, onde a escola está inserida, surge a partir do laço parental” (GRUDZINSKI, 2009, p. 438). Assim, é necessário que a autonomia das crianças seja propiciada tanto pela família em seus lares, como pela escola, por intermédio dos professores e a equipe de psicologia, para que de forma conjunta visem à autonomia da criança, com respeito a sua subjetividade (SOUZA; OLIVEIRA; 2020).

No entanto, recorrendo a Dolto, salientado por Kupfer (2006), dirá que a autonomia precisa ser conquistada de forma gradual e regular, propondo assim um espaço intermediário entre a família e o social, um espaço seguro para essa experiência de separação, as chamadas “Maisons Vertes”, no qual as famílias eram acompanhadas por profissionais com formação em psicanálise, que auxiliavam os pais na sustentação das descobertas dos filhos. Todavia, diante da realidade dos espaços escolares, constata-se que realizar atividades e intervenções que propiciem a conquista de autonomia, aliado as entrevistas com as famílias e formações dos professores, tende a contribuir para que esse processo de separação e de autonomia não seja realizado de forma tão sofrida para a criança e sua família.

Da mesma forma, salienta-se que ao pensar na conquista de autonomia das crianças, pensa-se também em uma escola com mobiliário que atenda as necessidades físicas das crianças. Isto é, mesas, cadeiras, armários, sanitários, entre outros, que irão possibilitar a construção da autonomia necessária ao desenvolvimento infantil (SOUZA; OLIVEIRA; 2020).

Diante disso, percebe-se a relevância da escola também sustentar a busca por essa autonomia dos seus alunos. Dessa forma, o espaço escolar pode propiciar a autonomia, por meio dos discursos, dos recursos disponibilizados e principalmente, através do investimento realizado na capacidade das crianças de se constituírem

enquanto sujeitos de desejos, sujeitos autônomos e protagonistas em seu processo de aprendizagem.

Portanto, segundo Maciel (2005), a finalidade da educação é a construção da autonomia humana. Assim, ao associar a psicanálise e educação, ambas podem funcionar como campos de autocriação do sujeito, concebendo a escola como um espaço de encontro intersubjetivo, de transformação.

#### **4 CONTEXTUALIZANDO O RELATO DE EXPERIÊNCIA**

A experiência citada neste artigo, foi realizada em uma escola de educação infantil, uma instituição privada, localizada na capital do estado do Rio Grande do Sul. A filosofia da escola é baseada em aspectos epistemológicos da Educação Montessoriana, aliada aos princípios da Aprendizagem Significativa Ausubel.

Neste período, a escola possuía em torno de 100 alunos, no qual estavam distribuídos em oito turmas, sendo uma turma de berçário I, que recebe bebês de quatro meses a onze meses, assim como uma turma de berçário II, que assiste crianças de um ano a um ano e onze meses. Possuía também duas turmas de maternal I, que abrange alunos de dois anos a dois anos e onze meses, bem como duas turmas de maternal II, recebendo crianças de três anos a três anos e onze meses. Da mesma forma, a escola contava com uma turma de Pré-escola I, assistindo alunos de quatro anos a quatro anos e onze meses, assim como uma turma de Pré-escola II, que abrange crianças de cinco a cinco anos e onze meses.

No período de estágio, a equipe da escola era composta por uma coordenadora pedagógica, oito professoras, além de uma equipe de professoras assistentes. A escola conta também com psicóloga, orientadora educacional, estagiários de psicologia, bem como uma profissional de atendimento educacional especializado (AEE), uma nutricionista, duas merendeiras, três auxiliares de serviços gerais, recepcionistas, uma bibliotecária e cinco técnicos administrativos.

Durante a atuação na escola, as atividades realizadas pela discente consistiram em observações ativas, realizando diagnóstico das turmas, com desenvolvimento de projetos de intervenções a partir das demandas analisadas, bem como, escuta e orientações a professores e participação em entrevistas com as famílias, contemplando todas as esferas da comunidade escolar.

A partir de observações ativas, foi possível compreender uma demanda frequente das professoras em abordarem primordialmente sobre os alunos que possuem algum diagnóstico psiquiátrico. Essa percepção, em um primeiro momento, foi propulsora no desejo de pensar em formas possíveis de inserção nesse espaço, as quais não corroboram com práticas de individualização e normatização, sendo necessário despir-se de um olhar clínico, para compreender os fenômenos e dinâmicas que ocorrem dentro da escola como um todo, em seu cotidiano.

Nas observações realizadas diretamente em salas de aula, foi possível detectar a necessidade de abordar a temática das emoções juntamente com as crianças e a equipe. No sentido de oferecer uma vertente polissêmica de saber escutar as crianças, bem como, as próprias crianças conseguirem identificar diferentes formas de se expressarem. Visto que, por exemplo, o choro é uma das formas que a criança tem de manifestar o que está sentindo, sendo necessário instrumentalizá-la para comunicar seus sentimentos também de outras formas, como através da palavra.

Da mesma forma, foi possível observar demandas em relação ao estabelecimento de limites, bem como de maior investimento na capacidade das crianças de realizarem determinadas atividades sozinhas. Assim, na busca por realizar um diagnóstico das turmas, foi possível identificar, juntamente com a supervisora local, tomadas pela noção de que a aprendizagem perpassa pelo corpo, a necessidade de trabalhar sobre a autonomia dos alunos, especialmente após a pandemia do COVID-19, pois muitas crianças retornaram para o ambiente escolar com muita dependência de um adulto, até mesmo para atividades que elas já possuem a capacidade de realizar, como por exemplo, os hábitos de vida diária.

Nessa perspectiva, a partir dos aspectos abordados inicialmente, foi possível pensar na inserção da discente no sentido de trabalhar tais questões juntamente com toda a comunidade escolar. Visto que, o objetivo da escola como um todo, bem como da família, é propiciar o crescimento e o desenvolvimento das crianças. Para isso, é necessário que ambos trabalhem de forma conjunta, visando a integralidade do cuidado com a criança.

Dessa forma, com base nos dados obtidos, pensou-se em dedicar-se a intervenções com as crianças que pudessem fomentar a autonomia e o estabelecimento de limites, pois são elementos fundamentais para a inserção da criança em um ambiente social. Com esse propósito, recorreu-se com as crianças ao uso de diálogos sobre as emoções e sobre os hábitos de vida diária, contação de



história sobre autonomia, produção de uma rotina visual e atividades que favorecessem a construção da imagem corporal. Nessa lógica, também se torna necessário realizar um trabalho conjunto com as professoras e as famílias, a partir da orientação e entrevistas com as mesmas.

#### **4.1 Discussão do Relato de Experiência**

Ao adentrar em um novo espaço, especialmente permeado por diferentes esferas, é necessário colocar-se em um primeiro momento no papel de observador e explorador deste novo ambiente, na busca pela compreensão das demandas de atuação apresentadas no local. Como salienta Ulup e Barbosa (2012), é necessário circular e observar, ver e escutar, tomada por uma atitude de entrega e de envolvimento cuidadosa.

Diante disso, lança-se mão da observação participante, no qual se almeja estudar a criança no próprio contexto escolar (COUTINHO; CARNEIRO; 2016). Além disso, nesta observação ativa e participante busca-se compreender as turmas e a instituição com um todo, pois como salienta o CRPRS (2019), a psicologia escolar e educacional tem como referência um novo paradigma social na educação, que não condiz com uma prática individualizante e de normatização.

Dessa forma, é necessário estar presente no cotidiano escolar e participar dele em seu dia a dia, para que se possa conhecê-lo e intervir neste contexto (ULUP; BARBOSA; 2012). Assim, adentrar neste espaço de forma ativa e participativa tornou-se fundamental para pensar em projetos e intervenções que abarcasse as reais necessidades do local.

Primeiramente, detectou-se a necessidade de falar sobre as emoções, visto que pouco se nomeia a criança sobre os seus sentimentos. Dessa forma, foi realizada uma intervenção, onde por meio de uma roda de conversa, abordou-se sobre o reconhecimento e nomeação das emoções juntamente com as turmas de Maternal II e Pré-escola. Salienta-se que essa proposta torna-se uma importante ferramenta de prevenção, visto que, segundo Baseggio (2012), as crianças possuem naturalmente mais dificuldade de lidar com suas próprias emoções, e muitas vezes, isso acontece porque elas ainda não aprenderam a nomear os seus afetos, podendo as emoções expressar-se através do corpo pela ausência de simbolização.

Neste mesmo sentido, pensando na concepção de Françoise Dolto que a aprendizagem passa pelo corpo (KUPFER; 2006), visando à autonomia das crianças e a preparação para o ensino fundamental, foi desenvolvido um projeto com as turmas de Pré-escola, no qual em cada semana um aluno foi convidado a levar para casa uma sacola com materiais de costura e tecidos, bem como uma boneca, para que desenvolva, com auxílio de sua família, uma vestimenta. Além de abordarmos a autonomia, a construção da imagem corporal, também é um interessante momento para as famílias se envolverem na atividade com seus filhos.

Salienta-se que refletir e levar em consideração a construção da imagem corporal, bem como da autonomia das crianças no espaço escolar constitui um importante olhar do psicólogo escolar. Isso se dá, pois a escola de educação infantil acaba por funcionar como um agente da constituição psíquica das crianças ao qual atende, visto que muitas delas são atendidas desde os primeiros meses de vida, ou ainda, passam maior parte do dia no ambiente escolar, sendo fundamental o olhar da instituição quanto o cuidar e o educar (OLIVEIRA; DONELLI; CHARCZUK; 2020).

Além disso, dentre as intervenções, foi instituída nas salas de aulas a utilização de rotinas visuais para as turmas de berçário II, maternal e pré-escola, no qual foram realizadas rodas de conversas com os alunos na presença das educadoras. Neste dispositivo, foi refletido junto com as crianças, a rotina do dia a dia e o momento de cada atividade. O objetivo dessa atividade foi desenvolver uma noção de tempo e ordem das atividades, conseguindo lidar de forma mais efetiva com o momento de cada uma delas, ao realizar a antecipação no início do turno, bem como, a autonomia, visto que a rotina ficará ao alcance dos alunos, permitindo que eles possam visualizar e se organizar em relação a sua rotina escolar diariamente. Da mesma forma, ao utilizarmos fotos da própria turma, permitimos que eles se identifiquem com a proposta.

Além disso, o estabelecimento de uma rotina contribui para o estabelecimento de uma lei, de uma ordem e momento de cada atividade. Pois, “a Escola de Educação Infantil pode ser entendida então como um lugar de inscrição social que vai além do pedagógico, do ensinar as coisas; ela está ligada a cultura, a inserir o sujeito numa ordem, na lei” (FLACH; SORDI; 2007, p. 90).

Ressalta-se ainda, uma atividade muito relevante na prática de estágio: a entrevista com as famílias. Sublinha-se, segundo Rubim e Besset (2007), que as conversas com as famílias dos alunos se configuram como uma forma muito útil para

o recolhimento de informações sobre as crianças, sendo possível através de entrevistas abertas, identificar quais assuntos a família considera importante à escola ter conhecimento, normalmente surgindo características do comportamento da criança, mas também emergem dificuldades dos pais frente o estabelecimento de limites e espaços. Como, por exemplo, dormir junto na cama dos pais, negociação de regras, o não dito em relação a assuntos familiares, entre outros.

Dessa forma, é interessante pensarmos no psicólogo escolar como mediador da relação família-escola, com o objetivo de fortalecer essa relação através de ações que promovam a conscientização da comunidade escolar, bem como promovem o entendimento da família em relação ao seu papel no processo de escolarização de seus filhos (ALBUQUERQUE; AQUINO; 2018).

Por fim, recorrendo ao CRP (2019), em um dos relatos de experiência dispostos em sua cartilha sobre psicologia escolar, observa-se como a entrevista com os responsáveis permite que a criança seja recebida no espaço escolar considerando suas características individuais. Além disso, esse momento possibilita a construção de vínculo entre a família e a instituição. Sendo assim, a psicologia escolar pode proporcionar um importante espaço de conversação entre toda a comunidade escolar, isto é, os educadores, pais e alunos, na busca coletiva por soluções para os impasses encontrados no meio educacional (RUBIM; BESSET; 2007).

Salienta-se que ao adentrar no espaço escolar, o profissional de psicologia precisa também estar com o olhar atento aos processos de trabalho e sua organização no ambiente institucional. Isto é, também oferecer um olhar a equipe de profissionais da educação, bem como contribuir no desenvolvimento de espaços de escuta e reflexão, assim como ajudar na elaboração de estratégias das dificuldades encontradas (CRP, 2019).

Dessa forma, buscou-se nesta experiência, realizar escuta dos professores em relação às demandas institucionais, assim como aos alunos e suas respectivas turmas. Oferecendo por vezes também um trabalho de formação e orientação.

Nesse sentido, constata-se que o psicólogo na escola, segundo Kupfer (2017), possui um lugar permeado pela escuta e a transferência, onde o professor é escutado justamente para ser apoiado, fazendo circular os discursos de ensino e subjetivação. Isto é, traz para discussão uma percepção de que é necessário também transmitir cuidado e sustentação para aquele que cuida, o professor.

Dessa forma, o psicólogo escolar tomado como apoio ao professor, bem como importante agente de instrumentalização do mesmo, torna-se possível destacar a relevância de auxiliar no estabelecimento de uma boa transferência entre educador e educando, bem como a sua influência no processo de aprendizagem e constituição psíquica das crianças. Dado que, a partir da transferência é possível que o educando e o educador produzam uma ressignificação do desejo de ensinar e de aprender. Isto é, a partir da concepção de transferência, é possível que o professor consiga desempenhar um papel continente na aprendizagem dos alunos, ao realizar uma escuta qualificada das demandas da criança, ouvindo também o não dito, os conflitos psíquicos e cognitivos que emergem na criança (SOUZA; OLIVEIRA, 2020).

## **5 CONCLUSÃO**

Buscou-se através das atividades propostas, possibilitar que os alunos conquistem maior autonomia e se constituam enquanto sujeitos desejantes em seu processo de aprendizagem. Percebe-se que as atividades produziram efeitos positivos, visto que durante algumas intervenções propiciaram que os alunos comunicassem aspectos que antes não estavam sendo ditos no espaço escolar. Da mesma forma, compreende-se que os efeitos de tais intervenções irão reverberar no cotidiano da escola em longo prazo, pois a conquista da autonomia consiste em um processo gradual, que não ocorre de forma imediata.

No entanto, recomenda-se que as intervenções almejando a conquista de autonomia dos alunos, bem como o estabelecimento de limites, sigam sendo pensadas e colocadas em prática no ambiente escolar, como um trabalho contínuo. Dado que, o processo de desenvolvimento e constituição psíquica das crianças é permeado por desafios, conquistas e renúncias, e o espaço escolar se constitui como o principal palco no qual esses processos irão se desenrolar e encontrar possibilidades de serem elaborados.

Portanto, compreende-se que a psicanálise vai à escola, sustentada por seu aporte teórico, bem como sua postura ética e cuidadosa diante do outro. Especialmente, a psicanálise vai à escola para contribuir na sustentação do processo de estruturação psíquica das crianças, como defensora de seu desenvolvimento, para que as mesmas possam vir-a-ser enquanto sujeitos de desejos e de direitos.

## REFERÊNCIAS

AGRA, Glenda et al. Análise do conceito de Aprendizagem Significativa à luz da Teoria de Ausubel. **Revista Brasileira de Enfermagem**. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/GDNMjLJgvzSJKtWd9fdDs3t/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ALBUQUERQUE, Jéssica Andrade de. AQUINO, Fabíola de Sousa Braz. Psicologia Escolar e Relação Família-Escola: Um Levantamento da Literatura. **Psico-USF**, v. 23, n. 2. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230210>. Acesso em: 27 abr. 2022.

ALMEIDA, Alexandre Patricio de. NAFFAH NETO, Alfredo. Psicanálise e educação escolar: ressonâncias de Sándor Ferenczi para uma pedagogia do cuidado. **Estilos da Clínica**, v. 24, 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/estic/v24n2/a08v24n2.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2022.

BASEGGIO, Denice Bortolin. Psicossomática na infância: uma abordagem psicodinâmica. **Revista de Psicologia da IMED**, 2012. Disponível em: <http://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/230/194>. Acesso em: 21 abr. 2022.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Carta de serviços sobre estágios e serviços-escola**. 2013. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/09/carta-de-servicos-sobre-estagios-e-servicos-escola12.09-2.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Psicologia na educação: saberes e fazeres**. Porto Alegre, 2019. Disponível em: [https://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/educacao\\_final.pdf](https://www.crprs.org.br/conteudo/publicacoes/educacao_final.pdf). Acesso em: 20 abr. 2022.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL. **Psicologia escolar e educacional: cartografia de um fazer**. 2019. Disponível em: [https://www.crprs.org.br/conteudo/ebook\\_educacao.pdf](https://www.crprs.org.br/conteudo/ebook_educacao.pdf). Acesso em: 27 abr. 2022.

COUTINHO, Luciana Gageiro. CARNEIRO, Cristiana. Infância, adolescência e mal estar na escolarização: interlocuções entre a psicanálise e a educação. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2910/291052545007.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

DUARTE, Aldenia Pereira Mota. Contribuições de Maria Montessori para as práticas pedagógicas na educação infantil. **Sociedade Cultural e Educacional de Itapeva Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva**. São Paulo, 2014. Disponível em: [http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/1J0bXYEScWvt56S\\_2015-2-3-14-35-16.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/1J0bXYEScWvt56S_2015-2-3-14-35-16.pdf). Acesso em: 13 abr. 2022.

FLACH, Flavia. SORDI, Regina Orgler. A educação infantil escolar como espaço de subjetivação. **Estilos da Clínica**, v. 7, n. 22. 2007. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46019/49644>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PAPKE, B.; PAULA, M. D. P. A psicanálise vai à escola: relato de experiência. **RGSN - Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 4-18, out. 2022.

FARIA, Nicole Costa; RODRIGUES, Marisa Cosenza. Promoção e prevenção em saúde mental na infância: implicações educacionais. **Psicologia da Educação**, n. 51, p. 85-96, 2020.

FOCHI, Paulo; BARBOSA, Maria Carmem Silveira. O desafio da pesquisa com bebês e crianças bem pequena. **IX ANPEDSUL (SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL)**, 2013.

FREUD, Sigmund. O interesse da Psicanálise para as Ciências Não-Psicológicas. In: FREUD, Sigmund. **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v.13

GRUDZINSKI, Morgana Martins. O laço social e a aprendizagem: algumas breves considerações. **Revista Psicopedagogia**. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v26n81/v26n81a11.pdf>. Acesso em: 25 maio 2022.

KUPFER, Maria Cristina Machado. **Freud e a educação – o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.

KUPFER, Maria Cristina Machado. O que toca à/a Psicologia Escolar: desdobramentos do encontro entre Psicanálise e Educação. In: MACHADO, Adriana Marcondes. LERNER, Ana Beatriz Coutinho. FONSECA, Paula Fontana. (orgs.). **Concepções e proposições em psicologia e educação: a trajetória do Serviço de Psicologia Escolar do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo**. São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: <http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/openaccess/9788580392906/completo.pdf#page=50>. Acesso em: 13 abr. 2022.

KUPFER, Maria Cristina Machado. Françoise Dolto, uma médica de educação. **Revista mal-estar e subjetividade**, v. 6, n. 2. Fortaleza, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v6n2/13.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

LAPLANCHE, Jean. PONTALIS, Jean-Bertrand Lefebvre. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MACIEL, Maria Regina. Sobre a relação entre Educação e Psicanálise no contexto das novas formas de subjetivação. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.9, p.333-42. 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/c997V8tRN3zyHHfdwWqQT6n/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 maio 2022.

MURTA, S. G. et al. Prevenção e promoção em saúde mental no curso de vida: indicadores para a ação. In: MURTA, S. G.; LEANDRO-GRANÇA, K.; SANTOS B.; POLEJACK, L. **Prevenção e promoção em saúde mental: Fundamentos, planejamento e estratégias de prevenção**, p. 75-92, 2015.

OLIVEIRA, Marcia Aparecida. DONELLI, Tagma Marina Schneider. CHARCZUK, Simone Bicca. **Cuidar e educar: o sujeito em constituição e o papel do educador. Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24. 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/dD9SFJKWFqd9sZVc4pyT7vb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PAPKE, B.; PAULA, M. D. P. A psicanálise vai à escola: relato de experiência. **RGSN - Revista Gestão, Sustentabilidade e Negócios**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 4-18, out. 2022.

POLI, Maria Cristina. SCHNEIDER, Venicius Scott. Sobre a supervisão em psicanálise: relendo Freud a partir de Lacan. **Psic. Clin.**, v. 26, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/xpJ6B6SPFmvLTHCX3JpWpXM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **Escola de Educação Infantil São Chiquinho**, Porto Alegre, 2019.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUBIM, Luiza Mendes. BESSET, Vera Lopes. Psicanálise e Educação: desafios e perspectivas. **Estilos da Clínica**, v. 7, n. 23, 2007. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-71282007000200004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282007000200004). Acesso em: 27 abr. 2022.

SANTOS, Leandro Alves Rodrigues dos. **Psicanálise: uma inspiração para a psicologia escolar?** Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2003. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-30112009-161320/publico/leandro>. Acesso em: 13 abr. 2022.

SILVA NETO Walter Mariano de Faria; LIMA, Cárita Portilho de. Estágio curricular supervisionado em psicologia: Aspectos legais, potencialidades e desafios para a formação do psicólogo. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 5, n. 1, 2019. Disponível em: <https://laplageemrevista.editorialaar.com/index.php/lpg1/article/view/428>. Acesso em: 6 abr. 2022.

SOUZA, Marcos Rogério dos Santos. OLIVEIRA, Carla de. Psicanálise e educação: a transferência na educação infantil. **Rev. C&Trópico**, Recife, v. 44, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/1878/1594>. Acesso em: 13 abr. 2022.

ULUP, Lilian. BARBOSA, Roberta Brasilino. A Formação Profissional e a Ressignificação do Papel do Psicólogo no Cenário Escolar: Uma Proposta de Atuação – de Estagiários a Psicólogos Escolares. **Psicologia: Ciência e Profissão**, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/ZvGGsY8fNXpfR5ZPMFPptLD/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 abr. 2022.

ZASLAVSKY, Jacó; NUNES, Maria Lúcia Tiellet; EIZIRIK, Cláudio Laks. A supervisão psicanalítica: revisão e uma proposta de sistematização. **Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul**, v. 25, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/KgbBg73HctJWTnymS8DLDK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 21 abr. 2022.